

Vida

ANO I—N.º 23—23 DE OUTUBRO DE 1941—PREÇO: 1 ESC.

MUNDIAL Ilustrada

SEMÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES



AMÉLIA REY COLAÇO, a ilustre artista portuguesa, foi entrevistada por «Vida Mundial Ilustrada». (Ver grande reportagem nas páginas 6 e 7)

Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 25844

PROF. DR. MANUEL RODRIGUES
PROF. BARBOSA DE MAGALHÃES
FERREIRA DE CASTRO
PROF. DR. HERNANI CIDADE
GENERAL FERREIRA MARTINS
DR. LOPES DE OLIVEIRA
MANUEL L. RODRIGUES

DR. AMÉRICO DURÃO
ASSIS ESPERANÇA
DR. SOUSA COSTA
ROBERTO NOBRE
DR. CASTRO FERNANDES
DR. JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS
DR. CAMPOS PEREIRA

DR. ANSELMO VIEIRA
JOAQUIM PAÇO DE ARCOS
JOSÉ LOUREIRO BOTAS
AUGUSTO FERREIRA GOMES
MÁRIA ARCHER
DR. CARLOS OLAVO
TEIXEIRA LEITE

O que é a "História da nova Guerra mundial"

Uma entrevista com Carlos Ferrão

O público já conhece a notícia. «Vida Mundial Ilustrada», revista que dedica a melhor atenção aos problemas internacionais — e procura sempre fazê-lo com a maior imparcialidade — tomou a iniciativa de publicar uma série de artigos cujo conteúdo se nos afigura do maior interesse. Nada mais, nada menos, que a «História da Nova Guerra Mundial», que vai certamente ficar como elemento valioso de documentação e estudo e que é — estamos certos — a obra mais completa até hoje realizada em Portugal sobre o actual conflito.

Trabalho de vulto e de grande responsabilidade, dêle encarregámos pessoa que nos pareceu a mais competente para o fazer. Trata-se do distinto jornalista e escritor Carlos Ferrão, cujas crónicas no «Diário de Lisboa», na «Vida Mundial Ilustrada» e noutras publicações o consagraram já como um dos mais categorizados comentadores portugueses da política internacional.

O público conhece os seus artigos e os seus livros, onde se afirma uma vasta cultura e uma extraordinária percepção e visão dos factos e das idéias que agitam e orientam o Mundo actual.

Vai agora conhecê-lo num novo género de trabalho — trabalho de envergadura por onde passam lances emocionantes da História contemporânea, os objectivos e os documentos do actual conflito, os antecedentes da guerra, a sua eclosão e a sua evolução, as batalhas militares, a luta diplomática e um sem número de pormenores do maior interesse para o público — que, após os acontecimentos, não fixa em geral por falta de tempo e de orientação, as linhas gerais que o ajudem a compreender a grandeza dos factos.

Mas — perguntará o leitor — o que é essa História e porque se publica ela neste momento?

Ninguém melhor que o autor lhe poderia responder. Eis porque o jornalista procurou o colega ilustre e lhe pediu uma entrevista sobre o assunto.

— Uma entrevista com um profissional de imprensa é um tema deslocado — principiou por nos dizer Carlos Ferrão —. O jornalista, por dever de ofício, entrevista os outros; não se deixa entrevistar. Quando reconhece a necessidade ou a vantagem de dizer alguma coisa aos seus leitores, escreve um artigo. Neste caso, há apenas uma explicação aceitável para a entrevista. A «História da Nova Guerra Mundial», porque é dum segunda configuração geral que se trata, escrita a convite amável dum semanário da vida internacional, que fêz

rapidamente o seu nome e conquistou justamente o seu público, não tem prefácio. A entrevista será o prefácio que não encontraria cabimento nem justificação num artigo.

E acentuou:

— O título amolda-se à índole do trabalho, na medida em que o autor conseguiu dar, a uma rubrica geral, um

fôrça de circunstâncias a que sou estrangeiro, os acontecimentos se encarregarão de dizer até que ponto se ajusta às realidades.

— Trabalho de reportagem ou de história?

— Paul Valéry tem razão quando diz que a história, a que se considera definitiva é intangível, é o produto mais pe-

os quais a vontade individual apenas contribui como elemento acessório. O nosso tempo, vivido sob o signo do isolamento local e da autarquia económica, valorizou, pelo malogro das experiências realizadas, o princípio da cooperação internacional. A geometria histórica torna inevitável o horror geral pelos vaticínios com que alguns espíritos menos reflectidos tentam condicionar o futuro. A mecânica política gera o desordem das idéias para, no final, se submeter ao seu primado.

— Não acha conveniente explicar ao público porque se publica, neste momento, a sua História?

— O tempo em que vivemos e os acontecimentos de que somos, simultaneamente, espectadores e actores, exigem uma explicação. Essa explicação deve resultar, naturalmente, do seu encaadamento. Acontece que o tempo em que vivemos e os acontecimentos a que andamos associados são diferentes dos outros. Não na ordem militar ou diplomática, em que as supostas inovações são apenas modalidades actuais de exemplos e concepções velhas como o tempo. Mas na ordem política e na ordem social, na ordem moral e na ordem espiritual. Os homens que, há um quarto de século, se bateram nas linhas do Somme ou nos fortes de Verdun, queriam restaurar um estado de coisas e um conceito de ordem que defendiam porque tinham conhecido os seus méritos e os seus benefícios. A guerra a que assistimos é diferente. Perante ela pode repetir-se a frase reveladora de Sir Edward Grey: «Na Europa há luzes que se apagam. Não é em nossa vida que voltarão a acender-se.»

E acrescentou:

— A sucessão dos episódios que caracterizam a evolução do actual conflito aparece nos próprios títulos dos capítulos já anunciados. A investigação desinteressada das suas causas continua a ser de importância fundamental, para definir responsabilidades e evitar reincidências. O relato dos sucessos militares e das companhias localizadas na Polónia, no Ocidente e nos Balcãs, é um motivo de evidente interesse. A batalha a Leste tem outra amplitude e outra significação. A acção da arma aérea, o emprego dos carros blindados em longa escala, o papel das esquadras de linha e da marinha mercante definem a estratégia dum luta que se estende do Spitzberg à cidade do Cabo, e se alarga de S. Francisco a Vladivostok.

— Quais são os factos que mais sobressaem no seu trabalho: os políticos ou os militares?

— A preparação e a execução dos objectivos políticos reveste-se dum importância incomparavelmente maior

(Continua na pág. 16)



Carlos Ferrão

conteúdo concreto e esclarecedor. Trata-se, mais que dum narrativa com o complemento indispensável dos factos, dos números e dos documentos, dum interpretação documentada do conflito em que o mundo se envolveu. Essa interpretação fica sujeita à discordância e à rectificação. Publicada no decurso da batalha, faltam-lhe, necessariamente, elementos essenciais que poderiam valorizá-la. Mesmo assim, incompleta por

rigoso que a química do intelecto tem produzido. Para o autor do «Eupalinos», a história, assim entendida, justifica invariavelmente aquilo que deseja quem a escreve. Como não conclui coisa nenhuma, consegue dar exemplos de tudo. Os seus perigos são mais evidentes e sensíveis numa época em que as transformações que se operam à nossa vista são o produto de tendências generalizadas ou de sentimentos colectivos para



Maravilhas +++ da Guerra

ESTA FOTOGRAFIA, inserta na publicação «Bomber Command», dá-nos bem a ideia do que é a defesa anti-aérea alemã e das dificuldades que os aviões de bombardeamento nocturno encontram para atingir os seus objectivos, quer na Alemanha, quer nos territórios ocupados. Tirada de bordo dum avião de bombardeamento inglês durante um ataque à costa dinamarquesa, a foto mostra-nos, com pormenores muito curiosos, os efeitos da apertada rede de defesa com que depararam os aparelhos atacantes. A chapa impressionou a trajectória das balas da D. C. A. e dos estilhaços, que deixam no negrume da noite um rasto de luz só visível numa foto deste género, num instantâneo rápido, obtido com material especial. A perfeição técnica, junta-se nesta fotografia o interesse do assunto. Dela bem pode dizer-se que é uma maravilha — uma das poucas maravilhas da guerra.

CALCADA DA GLÓRIA

A VISCONDESSA DE X.

ESTA conhecida titular andava sempre com um laçao atrás. Uma manhã, na Granja, no dia em que tomava o primeiro banho do mar, o laçao perguntou-lhe, risonho, solícito, ao vê-la entrar na água:

— A senhora viscondessa deseja que eu me dispa para a seguir?

PÉTAIN

QUANDO na Grande Guerra a defesa de Verdun foi confiada ao marechal Pétain, um dos ajudantes deste perguntou-lhe qual era o seu plano de acção.

— Guarda segrêdo se eu lho disser?
— Sim, meu general. Dou-lhe a minha palavra de militar que guardarei segrêdo.

— Então — retorquiu Pétain — como quere que eu não tenha o talento de o guardar também?

ANDRÉ BRUN

O autor de *A vizinha do lado* entrou um dia na *Brasileira* e não vendo um único lugar vago onde se pudesse sentar para tomar o seu café, exclamou:

— Se o «café» continuar a ser tão concorrido, acabará por não vir cá ninguém — por não ter onde se sentar...

A VIUVA

O jornalista Anibal Soares, espirito que não esquece, costumava contar isto: certa viúva inconsolável mandou construir um mausoléu ao marido e gravar na lápide esta inscrição: — «É tão pungente a minha saúde que não posso viver». Um dia contraiu segundas núpcias e mandou acrescentar à inscrição a palavra: «Só».

PINTORES

QUE tal lhe parece este quadro pintado por minha filha? — perguntou certo ricoço ao pintor Armando de Lucena.

— Não está mal... Que professor de pintura tem?

— Nenhum. Pinta de ouvido...

SUA MAJESTADE

O rei da Suécia visitava uma das primeiras cidades do reino. Tudo estava engalanado, sobressaindo entre todos os edificios a cadeia. Entre uma autêntica apoteose de grinaldas cobrindo a fachada lia-se numa grande tira: — «Vinde, em boa hora, senhor!».

— Que edificio é este? — perguntou o monarca.

— A cadeia, meu senhor! — respondeu, curvando-se o ajudante.

Imediatamente o Rei:

— Parece-me demasiado cordeal a saudação...

HISTÓRIA CLÁSSICA

O virtuoso romano Paulo Emilio repudiou, como sabem, a mulher. Houve quem estranhasse o facto — principalmente um dos seus amigos íntimos. Então Paulo Emilio foi buscar uns sapatos novos de bom cabedal e perguntou-lhe:

— Que defeitos achas nestes sapatos?

— Nenhum — Respondeu o amigo.

— Pois eu que os calcei, é que posso dizer onde me apertam.

O CHIADO EM CARNE E OSSO



Há homens cuja biografia se podia fazer com anedotas. Um exemplo: Gualdino Gomes. Toda a sua existência, séria interminável de ditos de espirito, é a existência dum eterno filósofo jovial. Com uma barbicha de fauno, um chapéu de mosqueteiro e um monóculo penetrante, luzindo como um pequenino sol de cristal, poucos lhe levarão a palma, não obstante a névoa de prata dos seus cabelos brancos, em mocidade, em vivacidade, em frescura, em graça — em cintilação. Raúl Brandão dizia-nos, uma vez, apontando-nos, no Chiado, a sua figura de andorinha saltitante:

— Este Gualdino deve estar a fazer vinte anos, não deve?

Sabe-se lá! Como as estátuas, Gualdino não tem idade; como as mulheres bonitas — todos o cortejam. Onde quer que ele pouse forma-se uma corte; logo a sua voz modelada e quente ganha azas, toma vôo; o seu espirito cintila como uma abelha de ouro; e, em volta dos seus ditos, das suas anedotas, das suas recordações, das suas «boutades» esfusiantes, fica pairando a límpida frescura de certas manhãs de primavera. Se perguntarem que livros escreveu Gualdino Gomes, responder-se-á: «Nenhum!». E, entretanto, este homem é autor duma obra vasta, enciclopédica, variada, palpitante, que não precisou de ser escrita para ficar constituindo algumas das melhores páginas do nosso tempo. O Chiado é a sua Academia. A um canto da «Brasileira», defronte duma pequenina chacara de café, está o seu «fateuil» académico. Os seus confrades são os seus amigos. O seu público — «tout le monde». Não se lhe conhece uma ambição. É a pessoa mais simples, mais modesta que passeia em Lisboa. Uma noite, no «Martinho», como verificasse que não tinha cinco réis no bolso para regressar a casa no eléctrico, pediu a um companheiro de mesa que lhe emprestasse dez tostões.

— Dez tostões não tenho, mas aqui tens cinco mil réis...

Logo Gualdino:

— Deixa ver! Não tenho remédio se não ir de «taxi»...

PUGILATO

HA anos deu-se no Chiado uma cena de pugilato entre um escritor muito discutido e certo jornalista conhecido. Conta-se que Raúl Brandão ao presenciar a cena comentou acerca do escritor que estava na mó de baixo:

— Se lhe estoiram a pele, lá se perde um esplêndido bombol!

NO CABELEIREIRO

O jornalista Boavida Portugal foi, há dias, cortar o cabelo. Finda a operação perguntou-lhe o barbeiro:

— V. Ex.ª quer álcool, água de colónia, loção, brilhantina ou fixador?

— Paga-se mais por isso?

— Absolutamente nada.

— Então, ponha-me de tudo!

O LIMPA-CHAMINÉS

MORREU recentemente na América um limpa-chaminés que contava a linda idade de 102 anos.

Explicação dos sábios:

— A carne defumada dura mais do que a outra.

AFONSO DE BRAGANÇA

LEMBRAM-SE deste jornalista? Era um rapaz alto, magro, com ar neurasténico, mas dotado duma graça invulgar. Uma tarde discutia-se, na sua presença, certas regras alimentares que a Igreja impõe aos fiéis.

— O Afonso, tu às sextas-feiras só comes peixe?

— Conforme. Se quem me convida para jantar guarda esse preceito, sigo-o à risca; se o não guarda, eu contemporizo...

— E quando ninguém te convida?

Riu-se:

— Jejuo!

MULHERES, ETERNAS CRIANÇAS

AS mulheres são como as crianças: quando querem alguma coisa, choram.

COINCIDÊNCIAS

FIALHO de Almeida vivia largas temporadas em pleno Alentejo, na vila de Cuba. Pois bem. A legação de Cuba (república americana) estabeleceu-se, em Lisboa, na Rua Fialho de Almeida...

BARJONA DE FREITAS

BARJONA de Freitas, tantas vezes ministro no tempo da monarquia, não era propriamente o que se chama um jogador — mas gostava imenso de jogar. É — caso curioso — quando jogava e não estava em maré de sorte, repetia, inúmeras vezes, em voz baixa, este estribilho:

Amigo Belchior,
Encosta-te às paredes
Que o negócio, como vêdes,
Vai de mal para pior...

MADRILENOS

UM madrilenho exaltava recentemente, diante de mim, os méritos da sua cidade natal.

— Os «homens mais conhecidos do mundo são meus patricios...

— Então — retorqui para o ouvir — Então Churchill, Roosevelt, Hitler, Mussolini, Franco, são de Madrid?

Logo ele:

— Si, hombre. En absoluto!

DECORAÇÕES

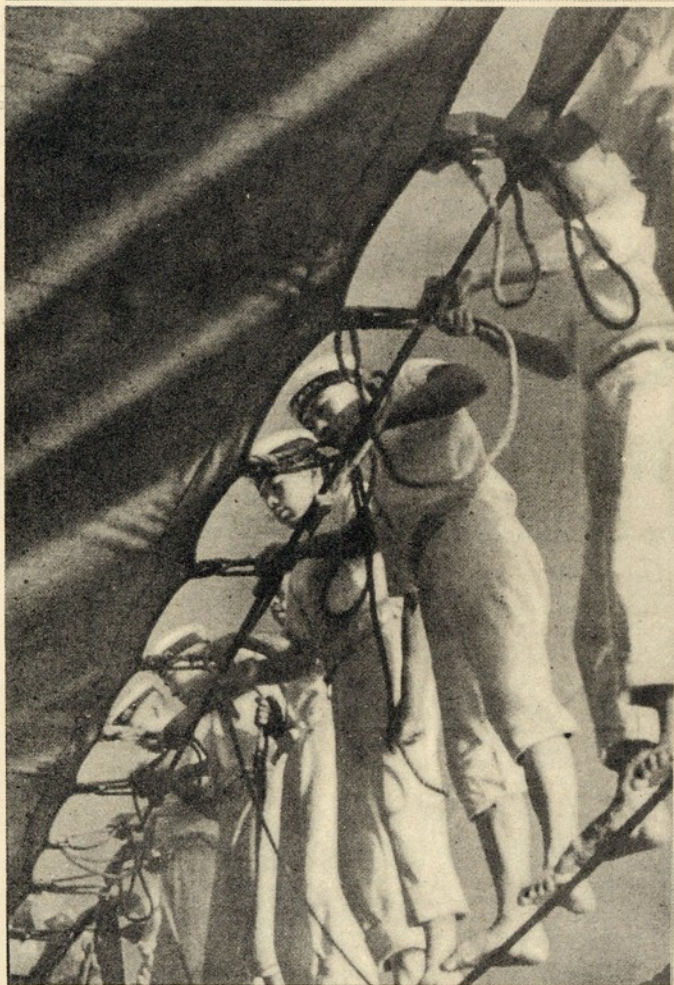
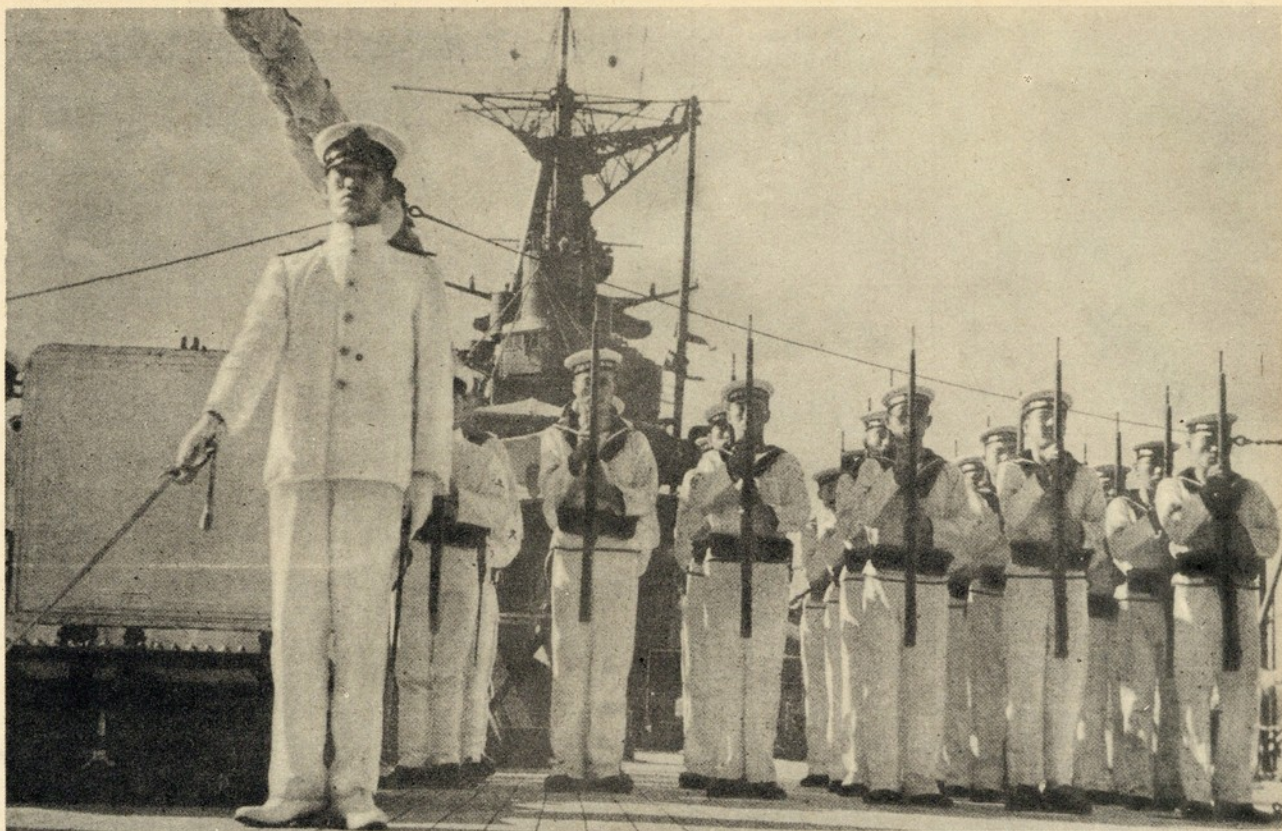
UM dos nossos pintores foi encarregado (por bom preço, dizem) de decorar uma casa. Quando andava a pintar um friso de flores num dos aposentos, apareceu um petiz filho do dono da casa.

— Essas flores não cheiram a nada.

O pintor, formalizado:

— Não cheiram ao menino, mas hão-de cheirar ao papá...

Enis S. Oliveira Martins



Marinheiros JAPONÊSES

A ESQUADRA JAPONESA é, no problema do Pacífico, um dos factores mais poderosos. Quasi inactiva durante a campanha da China, pois que todo o litoral deste país foi conquistado pelos exércitos do Japão e por eles se encontra mais ou menos ocupado, a Armada do Imperador, com os seus navios modernos e as suas equipagens completas e bem adestradas, é razão de peso na tensão do Extremo Oriente. Nesta página, damos três aspectos curiosos da actividade dos marinheiros japoneses, a bordo dum cruzador. Em baixo: um combate de «jiu-jutzu», luta em que são peritos.





AMÉLIA REY COLAÇO, no ambiente acolhedor e simples do seu camarim, onde, por tóda a parte, há uma nota de bom gôsto e de arte, prepara-se para a cena.

24 Horas da vida duma artista

Quando Amélia Rey Colaço não representa...

Uma reportagem de Gentil Marques

PRÓLOGO

CINCO PESSOAS E UM PORTEIRO

A Dona Amélia Rey Colaço não está! O homenzinho gorducho e calvo como uma bola de sabão, ficou a olhar o porteiro, por uns momentos. Depois, devagarinho, devolveu-se à cadeira de onde se levantara... E deixou-se cair no assento, amachucado, vencido mesmo pela resposta que o deixara murcho:

— A Dona Amélia Rey Colaço ainda não veio...

Como reacção, a rapariga sorriu. Um sorriso fresco, agradável, brêjeiro até. Um verdadeiro sorriso de rapariga. Entrara pelo átrio fora, num â-vontade, estudado decerto diante do espelho e dirigira-se ao porteiro, afectando despreocupações na voz e nos gestos. Con-

tudo, a resposta não fêz efeito logo. Primeiro, houve ainda um sorriso. Só de seguida, quando o sorriso se evaporou numa ruga aberta a meio da testa, a rapariga compreendeu que fôra optimista em demasia. Espreitou em volta. O porteiro, o homenzinho bola de sabão e eu. A um canto, mais três cadeiras. Sentou-se na cadeira do meio...

— A Dona Amélia Rey Colaço, possivelmente, não vem...

A mãe olhou para a menina e a menina olhou para a mãe. As duas eram loiras. Queriam ser loiras... A menina trazia caracóis, as faces coradas, um laçarote vermelho e os sapatinhos engraxados. A mãe fazia lembrar um navio de alto bordo. Não se importou muito com a frase do porteiro. Teve mesmo um desdenhoso encolher de ombros... «Alguna vez a hei-de encontrar... É preciso que veja a minha Mimi». E lançou-nos a todos nós um lampejo de superioridade tão certo, tão majestoso que dir-se-ia

não ser apenas um navio de alto bordo mas sim um navio-chefe...

— A Dona Amélia Rey Colaço já não vem...

Lentamente, o homem levantou os olhos e poisou-os no porteiro. Nesse olhar, havia um fundo de indignação, a mágoa de uma ofensa que não se merece... E de novo os olhos se baixaram, a esconder qualquer ânsia de protesto, qualquer sombra de desespêro... Talvez um artista desempregado... O homem não trazia letreiro... Aproveitou a última cadeira vazia e soltou um suspiro em nome de todos nós...

Para evitar mais visitas, o porteiro resolveu-se a tomar uma resolução... Fechou a porta de entrada. Depois, olhou-nos ainda, num misto de apreensão e de iniciativa, e desapareceu pelos degraus de uma escada que subia...

* * *

No átrio do Teatro Nacional, ficámos nós cinco. Cada um com o seu problema.

O homenzinho gorducho e calvo talvez fôsse autor... Tinha papéis debaixo do braço, usava colarinhos duros e nem sequer nos dava atenção.

A rapariga devia querer ser artista de teatro. Sonho de espuma. Sonho de rapariga. Por isso ela estudava os gestos, tomava atitudes, enfatizava a fala e pintava um pontinho negro na face direita. Mas ela era rival de si própria. Por dentro tinha sonho, ambições, a ilusão dum triunfo, para o qual havia de batalhar tóda a vida. Por fora usava uma naturalidade falsa, um â-vontade forçado, um pretenciosismo flagrante... Estava no mau caminho!

A mãe desejava que a sua Mimi pisasse palco. As mães antigas orgulhavam-se de que as filhas fôsem aias ou freiras ou qualquer coisa no género. As mães modernas preferem que o menino seja doutor e que a menina vá para o cinema ou para o teatro. A mãe da Mimi via na filha uma futura grande actriz. E arranjava-lhe caracóis à Shirley, poesias decoradas,

lábios pintados, etc. A menina não sabia ainda bem o que queria. Era menor. Tinha de obedecer à mãe...

O rapaz com ares de homem triste, não fazia gestos de cóer nem tomava atitudes altaneiras. Portanto, devia ter algum valor. Vivía com a esperança de que alguém descobrirebbe esse valor... Boa esperança! Triste esperança!
E, finalmente, o jornalista...

Dos cinco, foi o jornalista o escolhido. O porteiro convidou-me a subir. Pelo caminho foi-me pedindo que o desculpasse de me ter mentido, dizendo que a Dona Amélia Rey Colaço não estava, mas assim era necessário. Todos os dias o átrio se enche de homenzinhos gorduchos, de raparigas, de mamãs e Mimis, de desiludidos-illudidos, de todo o mundo, bom e mau, capaz e incapaz, à procura de uma possibilidade... Não se podia atender todos. Seria uma vida inteira só para isso. Portanto, a melhor desculpa, ainda era a ausência. De quando em quando, recebia-se um ou outro. Aos poucos, satisfazia-se muito... Mas tinha de ser devagarinho...

II

PRIMEIRO ACTO

Palco vazio e cheio. Vazio de gente, de ordem, de ansiedades... Cheio de tábuas, de cadeiras, de cenários partidos, de perspectivas de uma época nova...

Silêncio absoluto... Apenas os nossos matraqueiam o silêncio... Acabo por estacar. Assim, é melhor...

Enquanto espero, entretenho-me a matar a curiosidade. Letreiros. Muitos letreiros. Tábuas com dísticos, farrapos de paisagem, claridade de uma janela alta, poeira, nomes nas paredes, cordas... Mas a curiosidade não morre. Fica de pé... Aguarda a chegada de Amélia Rey Colaço...

Vestida de negro. O negro é um tom que lhe fica deliciosamente. Dá-lhe majestade. Sem saber bem porquê, acho curioso este nosso encontro, num palco desmantelado, onde a luz é fugidia e o silêncio quer ser tirano. Mas, durante quasi uma hora, nós vencemos o silêncio...

Amélia Rey Colaço tem duas características especiais: o porte e a gentileza. Porte de rainha e gentileza de irmã. Mistura estranha, extraordinariamente rara. Contudo, consegue mesmo ser ainda mais gentil do que rainha...

A conversa inicia-se. Um princípio qualquer. Frases amáveis de Amélia Rey Colaço para a «Vida Mundial». Faço perguntas indiscretas sobre o que tem em projecto para realizar na próxima temporada... Amélia Rey Colaço guarda segredo. Acha ainda cedo para revelar... Mas a conversa continua... Fala-se de Eugene O'Neill, por quem ela tem uma veneração gigante... Ficam palavras soltas no espaço... Eugene O'Neill... Uma trilogia de peças suas... Muito esforço... O público compreenderá?... Fazer arte... Talvez... E a conversa segue sempre...

Súbito, viramos de rumo:
— Que pensa do cinema?

— Admiro-o imenso... Creio mesmo que o Cinema tem uma influencia benéfica sobre o Teatro...

— E sobre o cinema português, que nos diz?

— Não se pode ainda falar muito do Cinema Português — o sorriso alargase. — Todavia, já tem havido algumas afirmações de valor, pequenas é certo, mas enfim, para começar...

E, por uma successão lógica de ideias, remonto aos primeiros tempos do «mundo» em Portugal. Amélia Rey Colaço entrou no «Primo Basilio», uma das mais remotas tentativas do nosso cinema...

— Foi uma catástrofe! — e tem uma gargalhada sã, natural, espontânea. Inclino-me para ela. Faço-lhe uma pergunta, em voz baixinha... Não responde logo. Antes, medita...

— Sim, talvez, bem dirigida por um bom realizador, eu me atrevesse a tentar de novo... Não me desagradaria, antes pelo contrario... — A gargalhada renova-se... — Contudo, a primeira vez foi uma catástrofe.

Vamos passeando pelo palco. Viro caminho à entrevista, mais uma vez... Agora, interesse-me saber da sua preferência sobre as peças que tem montado ultimamente.

Amélia Rey Colaço estava. A pergunta entusiasmou-a. Entusiasma-se, mais, porém, com a resposta. Já não é a mulher apenas que fala. É, sobretudo, a artista.

— Adoro o que fiz de ar-livre. Ai, em plena Natureza, existe de tudo. Poesia, musica, amor. Tudo...

A sua voz toma inflexões. Ela conta-me agora um episódio curioso, profundamente humano, que se passou quando da realização do «Sonho de uma noite de verão». Devido à falta de figurantes, Amélia Rey Colaço dirigiu-se ao Asilo de Mendicidade de Alcobaca. Os velhos asilados receberam a noticia com uma alegria extraordinária, qualquer coisa de infantil e de doloroso simultaneamente. Mas nem em todos a reacção foi a mesma. Nuns, houve o brilho de realizar um sonho... Noutros, pairou a névoa de uma saudade, da saudade dos bons tempos... Noutros ainda, passou como que uma revolta de mocidade... os membros enrijaram-se, os olhos ganharam luz, a voz ganhou força... Mas em todos eles, o tumulto de representar, de participar com ela no «Sonho de uma noite de verão» deu-lhes o doce desejo de se sentirem felizes... Houve os que choraram e os que riram, os que se esconderam e os que lhe beijaram as mãos...

Enquanto nos conta isto, Amélia Rey Colaço vibra, representa a nosso lado, é ela, a artista, a rainha do teatro português. Os gestos são largos. A voz é dolente e alegre, triste e entusiástica. Esqueço-me da entrevista, da reportagem e fico a ouvi-la apenas... Está ali uma artista verdadeira. Verdadeira.

III

SEGUNDO ACTO

Pausa grande. Agora, o silêncio volta a ser senhor de tudo. Mas, desta vez, é diferente. Um silêncio feito de ecos... Em cada tábuas, em cada farrapo, em cada fresta de luz, parece que há uma cara de velho, uma cara que ri, que chora, que é feliz...

Procuramos reagir. A minha vontade é ficar calado, a ouvir os ecos... Mas falo. Uma pergunta tinha de sair, mais tarde ou mais cedo...

— Que faz durante o dia?
— Olhe, trabalho como uma negra... porque, a pesar do teatro, eu tenho a minha casa e a minha filha...

Durante minutos, vivemos com ela as 24 horas do seu dia...

De manhã, são os arranjos da casa. A casa e a filha. A filha e a casa. Depois o almoço. Um pouco de repouso. E logo de seguida, o Nacional, «onde passa o resto do dia inteirinho». Vai jantar a casa. Mas o jantar não é sendo um pretexto para ver a filha. A noite, quando representa, volta ao teatro e é uma das últimas pessoas a sair... Mesmo com o espectáculo terminado; fica ainda com Robles Monteiro a ver as luzes, os cenários, a dar ordens, a tomar cuidados... Nestes tempos de férias, entretem-se a ler... Gosta muito da leitura... Principalmente dos autores que a fazem emocionar!

E é tudo. 24 horas na vida de uma artista, uma grande artista, de Amélia Rey Colaço. 24 horas laicais todos os dias, com ligeiras e raras variantes. Casa. Filha. Teatro e mais teatro...

O «teatro» faz-nos abordar um caso que foi discutidissimo. A questão das alunas do Conservatório e do Concurso teatral do «Diário de Lisboa» e da Emissora.

Amélia Rey Colaço é franca:
— Os alunos do Conservatório não têm razão em se escandalizarem... S6

podem ganhar com o aparecimento de valores novos. Aprende-se sempre... É absolutamente necessária gente nova, sangue novo. Tem de se deixar trazer ao teatro uma sinceridade completa, a par de uma technologia artistica nova...

De seguida, cita-nos dois nomes, ao acaso. João Villaret e Maria Lalande. Dois esplendidos artistas. Villaret foi quasi recusado no Conservatório...

Aproveitamos o momento, para saber a opinião de Amélia Rey Colaço acerca do nosso estabelecimento de ensino teatral.

— Não me faça falar disso. Não posso dizer nada, porque acho aquilo muito fraquinho... Mas não escreva isto, por amor de Deus...

E vem à baila da nossa conversa, a crise do teatro em Portugal. Ela crê que tudo reside numa crise de orientação. Não se convence que ao público seja necessário dar o mau teatro habitual, como afirmam muitos empresários. Se lhe dessem teatro do melhor, acabaria por gostar também...

Sem querer, Amélia Rey Colaço contradiz-se um pouco nesse ponto. Instantes passados, afirmamos que o «público português sofre de uma indiferença total. Absolutamente derrotista». E dissera-nos até num comentário cheio de graça:

— Tenho saudades das pateadas, como reacção do público... Não exagere isto, porém, porque da próxima vez que representar são capazes de me acolherem propositadamente com alguma pateada...

Não acreditamos. O público português deve muito da sua educação teatral a Amélia Rey Colaço. O público não pode ser ingrato.

O palco vai ficando na penumbra. De fora, vêm barulhos de vida. Gritos. Lamentos. Algo me ocorre, um instante:

— Que pensa acerca dos acontecimentos mundiais?

Amélia Rey Colaço mostra a sua surpresa. Mas, apercebe-se também dos pregões...

— A guerra é uma tragédia... Eu lembro-me sempre que tenho uma filha muito nova... — Mas logo, volta a ser artista. — Evidentemente a guerra é uma tragédia. Contudo, no fundo, acho admirável viver esta época cheia de contrastes... Tenho esperança, porém, que depois da tragédia sobrevenha outra «renascença»...

Aproxima-se o jantar e o jantar é apenas um pretexto para ver a filha... Uma última pergunta:

— Dos papéis que tem interpretado, qual prefere?

Olha-me, maliciosamente:
— Não prefiro um só. Prefiro seis! — e ri-se do meu pequeno espanto instintivo. — A diversidade de caracteres dêsse seis papéis dá-me a mesma sensação da mãe que tem meia dúzia de filhos e que gosta de todos: dêste, porque é loiro, daquele porque é meigo, do outro porque é estroina, etc. Os seis que prefiro estão nas peças «Castro», «Romance», «Entre Giestas», «Tá mar», «Sonho de uma noite de verão» e «Casa do dia»...

Despeço-me. Amélia Rey Colaço, sempre amável, dá-me o prazer da sua companhia até à saída.

Por momentos, fico ainda a olhar o Nacional. Em menos de uma hora, eu estive a viver 24 horas com Amélia Rey Colaço. Casa. Filha. Teatro e mais teatro. Porte de rainha e gentileza de irmã.

Esta nova época vai ser de esforço e de audácia. Oxalá o público português a saiba compreender. Amélia Rey Colaço é uma artista verdadeira. Até quando não representa, continua a ser artista. Nos sonhos, nas palavras, nos gestos. Em tudo!



E ASSIM TERMINOU a entrevista com Amélia Rey Colaço no palco do Nacional.

Panorama Internacional

Um dilema imperativo

por Francisco Velloso

DODEM dizer-se de ansiedade os últimos oito dias da situação internacional. De todos os quadrantes, os ventos desfreados desta tempestade às rajadas trazem em seus silvos e rugidos pedaços de sons prenunciadores de que atravessamos já zona vizinha daquela, há tanto tempo aqui mesmo prevista, em que os acontecimentos angularão a sua marcha para desfechos em que muitos não querem crer, e que precederão os mais decisivos desta guerra cujo maior mal é ser martirizantemente estirada.

A BATALHA-GIGANTE



DIETRICH

Hitler lançou em pleno a sua figura extraordinária de *führer* do povo alemão e da *Nova Europa* no tabuleiro imenso da campanha da Rússia. Além do seu recente discurso, voltou numa «ordem do dia» aos seus exércitos a repetir, pouco mais ou menos, mas com sobreexcitação adequada, o seu libelo contra a sua antiga aliada que o é hoje dos ingleses.—dois factos que, por manifestação da realidade das realidades dos interesses internacionais, andam por aí a ser revirados ora contra Hitler que fez o seu jôgo, ora contra Churchill que seu jôgo fez.

A segunda parte da actual e quinta ofensiva alemã, desencadeada na madrugada do dia 1, parece atingir o auge convulso do paroxismo ao cabo de quinze dias, contados pelos lances duma série de batalhas sem intervalos a que os dois beligerantes chamam o maior prelúdio da história. A 30 de Julho, o *Voelkischer Beobachter* já escrevia: «É o mais formidável combate que se trava em solo europeu entre as mais fortes potências do mundo de hoje.» A 15 de Outubro o combate revelava-se com o mesmo fragor, e um sacrifício de meios físicos e materiais sem precedentes. A 2 de Outubro, os exércitos alemães na frente central que olha para Moscovo tinham reconquistado a zona da contra-ofensiva de que Timochenko já se apoderara em Setembro e do qual partiu a actual ofensiva alemã, flanqueada por outra que no sul acaba de alcançar Mariopol, perto do mar de Azov. No dia 4, os mais considerados críticos militares colocavam como alvo dos objectivos alemães a rotura estratégica com a possibilidade de manobra ao norte contra o marechal russo, ao sul contra Timochenko, ao sul contra Budiény. A 18 essa rotura, essencial para a vitória, ainda não fora conseguida a 60 quilómetros de Moscovo, segundo telegramas da

que uma visível e febricitante fúria no ataque germânico, mas há também, e acima de tudo, a obediência a um plano:—ocupar uma frente-limite onde as operações inverniais se estabilizem (nem um nem outro dos beligerantes podem esticar infinitamente este empenho), pôr mão em alguns centros industriais importantes da Rússia, embora hajam sofrido destruições de difícil e demorada reparação. E depois...

A posse de Moscovo é somente um caso político que o comunicado russo admite, mas o que importa é, como já diziam os jornais alemães de 27 de Julho, jugular o exército inimigo, feri-lo de ataxia e impossibilidade de eficiência. Assim, só assim será obtida a desejada estabilização com segurança. Estamos no fim da batalha gigantesca, anunciou Hitler. Não é a conquista total que se procura, mas a linha de defesa e barragem.

No dia 9, Dietrich, o chefe dos serviços de imprensa do Reich, chegava da frente em avião e, reunindo os jornalistas, anunciou-lhes rotundamente: «A campanha da Rússia está decidida sob o ponto de vista militar pelo aniquilamento do grupo de exércitos de Timochenko». Escrevemos a 18. No dia 12, o órgão de Mussolini, *Popolo d'Italia*, segundo telegrama publicado no dia 13, advertia: «Não obstante a notícia dos exércitos alemães estarem cercando dois milhões e meio de soldados russos, nem por isso devemos julgar que a campanha na frente oriental termina rapidamente. Não se pode negar que todas as probabilidades são de que continue ou recomece na primavera». Os objectivos estratégicos estão atingidos? E depois

A TEIA DE ARANHA



FUNK

No dia 12, o dr. Funk fazia de clarações em Koenigsberg que descerraram novas perspectivas. Salientando «o valor económico dos territórios conquistados, ricos de matérias primas que se incluem no circuito económico europeu cuja industria as utilizará», apresentou a conquista dessas riquezas como uma «conquista europeia». Porque «até agora o continente europeu não fora explorado em todas as suas possibilidades». E concluiu elucidativamente: «De futuro os conflitos serão mais fáceis de impedir, quando a guerra não tiver qualquer possibilidade de êxito. A economia europeia será reorganizada de sorte que, durante anos, o consumo e a produção se compensem mutuamente». Eis a *Nova Ordem* à vista. E conquanto noventa por cento das pessoas não esteja habilitada ou não se haja dado à preparação cultural para compreender o seu interessantíssimo projecto, basta focar aqui o

facto da tendência que Hitler segue para se abranger a sua directriz política, depois do actual resultado da Campanha a léste.

Não foram estas declarações de Funk que tornaram agora oficial o plano da *Nova Ordem*. Ele está oficialmente feito na Alemanha desde o princípio da guerra, e já em 1939 no-lo citaram e esboçaram em Berlim. Funk fez apenas, neste momento, na cola de Dietrich, uma *mise-au-point*, a introduzir a opinião europeia em futura marcha dos acontecimentos, que vai repetir o segundo termo da alternativa das propostas de paz que Rodolfo Hess levou a Londres. E é por isso que têm especial relevo os desmentidos que também no dia 13, expedidos de Berlim, diziam que «só quando as armas tiverem falado (as da campanha da Rússia, entenda-se) soarão a hora de falar de sondagens de paz». É ainda a *Nova Ordem*, em cujo advento muita gente não acreditava, mas no qual sempre insistimos, ao marcar em divergência, aliás fundamentadíssima, de outras opiniões, que a campanha de léste era uma interrupção forçada, aberta por erro manifesto, no plano geral da expansão unitária alemã, e que o problema ocidental vivia e vive sempre nas projecções essenciais dessa expansão.

Só um malôgro mais ou menos desastroso do exército alemão a leste ou a fixação duma nova frente que de novo o absorva, criando um retardamento, poderiam deslocar esta linha de força alemã que virá do oriente para o occidente, porque a *Nova Ordem* tem por condição, como os entendidos sabem com pormenor, a totalização coordenada da economia europeia num sistema de compensações multilaterais. Aí fica o bastante para deixar entreluzir a compreensão da teia de aranha tecida sobre a *Nova Europa*.

ENERVAMENTOS



BEAVERBROOCK

Preconizando aquela nova frente de fixação que do mesmo passo entrave o impeto alemão contra a Rússia e o alastramento dessa imensa rede, levantou-se na Inglaterra e na América — e até noutros países — o clamor de que devem os aliados saltar para a ofensiva imediata; e tal tom assumiu esse brado que foi preciso refrigerá-lo. Churchill recusou-se a vir dar-lhe explicações aos Comuns acerca do auxílio à Rússia, e a imprensa londrina, se bem que o *Manchester Guardian*, órgão trabalhista, vogueasse por tais águas, acudiu a pregar que, neste momento, um assalto ao continente seria desastrosa aventura. Chegou a correr em Nova Iorque que o ministério inglês ia ser remodelado. E o crítico militar do *Evening Standard* foi até reclamar a expulsão dos italo-alemães do norte de África, prevendo (não fora de ra-

zão) o rebate ocidental da ofensiva política militar e económica no Occidente.

Tudo isto reforça o que dissemos na última crónica:—o espírito de ofensiva domina os condutores da guerra por parte do grupo aliado, mas eles não se julgam ainda fortes para o executarem, e como a batalha da Rússia continua a roer de desgaste o exército alemão, é de atender ao imediato — o auxílio ao exército russo — como há pouco tornou a bradar Lord Beaverbrook, enquanto o esforço preparatório da futura ofensiva não atinge o grau necessário.

Desta colisão advém a agitação que tomou ultimamente a opinião pública inglesa e norte-americana, por desconhecimento da realidade da situação e por enervamento causado pelo prolongamento da guerra e dos sacrifícios de toda a ordem que é implicada e exige.

A LUZ VERDE



TOJO

Quem melhor do que Churchill e Roosevelt pode conhecer essa realidade? O golpe mortal na Lei de Neutralidade é prova claríssima de que urge adoptar os grandes meios de acção. Connaly, presidente da comissão senatorial dos negócios estrangeiros, tinha especial autoridade para declarar no dia 13 num grande comício do Texas que os Estados Unidos não podem admitir que a Alemanha adquira bases no hemisfério ocidental. O golpe de Estado no Panamá — que parece até um contra-golpe americano visto ter sido vibrado com visível apoio de Washington (a impressão contrária nasceu de injustificável erro no telegrama de uma agência, que para mais é americana) assinala bem o perigo apontado por Connaly, o qual repontou igualmente em postos chamados meteorológicos que os alemães teriam na costa da Groelândia e até na Terra Nova. O almirante Raeder, segundo declarações de Stimson e Cordell Hull no Senado, reactivou a campanha submarina. O bloqueio alemão é feito agora contra a América do Norte. «Hitler procura agora o domínio do alto mar», disse o segundo desses homens de Estado. A atitude do governo cubano definida pelo presidente da República, abandonando a neutralidade e reforçando as bases marítimas norte-americanas corresponde exactamente às imperiosas necessidades da defesa do hemisfério, tanto como os quatro mil navios que noite e dia estão sendo apressadamente construídos nos estaleiros e os novecentos mercantes que esperam receber artilharia. Já depois de aprovado o projecto de armamento dos navios na comissão dos negócios estran-

o caso da semana

A vida no quartel general do Führer

por Carlos Ferrão

A máquina de guerra alemã funciona com uma regularidade impressionante. Para isso contribue poderosamente a capacidade tradicional de organização que caracteriza os dirigentes e a população do Reich. No decurso desta guerra essa capacidade tem-se afirmado de maneira inequívoca. Além da regularidade e da precisão do funcionamento, há um sincronismo, tanto quanto possível exacto, entre a acção militar, a acção política e a acção da propaganda.

Tudo isso se encontra concentrado, nominal e praticamente, numa entidade: o chanceler. Este tem ao seu serviço um órgão de execução imediata: o grande quartel general do Führer. Os seus principais auxiliares são o general Halder, que é o seu conselheiro técnico para os assuntos que se prendem com a condução da guerra em todos os domínios, o ministro dos Estrangeiros do Reich, Ribbentrop, que orienta a política externa da nação alemã, e o dr. Goebbels, ministro da Propaganda, cuja acção tem sido de capital importância durante os últimos anos. Um importante jornal de Budapeste, o «Uj Nemfedek», acaba de fornecer interessantes pormenores sobre a organização e o funcionamento do quartel general do Führer.

UM COMBÓIO ESPECIAL

Hitler dirige superiormente todas as operações dum combóio especial. Foi assim que dirigiu as campanhas contra a Polónia, a Bélgica, os Países Baixos, o Luxemburgo, a França, a Dinamarca, a Grécia, a Iugoslávia. O mesmo combóio especial tem servido durante a campanha da Rússia. Dêle partem as ordens do chanceler que atingem os pontos mais distantes da extensa frente de milhares de quilómetros que o exército alemão mantém em território russo. O Führer vive ali há dois anos. Com as suas repartições militares e as suas instalações modernas, esse combóio constitui o seu quartel general. Os observadores mais exigentes consideram-no como uma caravana de organização modelar.

Ao quartel general do Führer chegam todas as notícias com uma rapidez de relâmpago: o avanço e o recuo das tropas, os grandes movimentos estratégicos que decidem da sorte das batalhas e as modificações táticas operadas pelas mais pequenas unidades, a acção dos submarinos e da esquadra de superfície no Atlântico ou no Báltico, as proezas da aviação, as exigências gigantescas que impõe o reabastecimento da maior máquina de guerra de todos os tempos.

O combóio onde se encontra instalado o quartel general do Führer é objecto duma vigilância e de precauções especiais. É natural que assim seja. A aviação inimiga não está em condições de referenciar a sua posição exacta. Quasi sempre é no meio de florestas densas que ele faz as suas paragens, impostas pelas circunstâncias ou simplesmente condicionadas pela necessidade de descansar. Na zona da frente de batalha onde ele

chega, o número de canhões anti-aéreos aparece duplicado e reforçam-se os picquetes e as forças encarregadas dos serviços de vigilância.

No combóio que, acompanhado por veículos motorizados, se desloca dum ponto para outro, há um vagon exclusivamente destinado à instalação do chanceler. Quando ele pára, em qualquer parte, forma-se rapidamente à sua volta um acampamento animado pela presença de algumas das mais categorizadas personalidades da política, do exército, da Armada e da aviação do Reich.

RAPIDEZ NA EXECUÇÃO

Em poucos minutos as repartições e os organismos técnicos aparecem montados com o pessoal da confiança de Hitler e com a assistência dos seus colaboradores mais directos. Toda a máquina se instala em autocarros e automóveis pesados ou ligeiros que formam um círculo ocupando as posições que previamente lhes haviam sido destinadas. Os tetos dos diferentes veículos são desmontados e, em seguida ligados, de maneira a consti-

tuir-se um único e vasto compartimento para as reuniões indispensáveis e para as deliberações urgentes.

Neste quartel general há compartimentos especialmente preparados para os convidados e hóspedes do Führer, que são, geralmente, os chefes políticos e militares ou personalidades em destaque nos países aliados da Alemanha. Numa tenda à parte encontram-se as cartas geográficas e topográficas onde pode seguir-se a marcha das operações a leste. É o que se chama a tenda oriental. Numa outra, a tenda ocidental, encontram-se as cartas que dizem respeito às operações em curso contra a Grã-Bretanha.

Cada um dos chefes de serviço categorizados tem o seu automóvel privado que se incorpora no conjunto do quartel general. Um deles pertence ao chefe dos serviços de imprensa, dr. Dietrich. Assim se explica que este, logo que se colheram os primeiros resultados da ofensiva iniciada pelos alemães no sector central da frente leste em 2 deste mês, pudesse voar a Berlim e convocar os representantes da imprensa estrangeira a fim de lhes comunicar o que se passava.

Junto do combóio do Führer há diversos carros especialmente adaptados para os serviços de rádio e de telegrafia sem fios. O trabalho que se realiza nesses carros é essencial. Os postos emissores de todo o mundo falam e as suas emissões são imediatamente captadas e transmitidas. Os homens encarregados dêsse serviço trabalham noite e dia. Os dirigentes políticos e militares que se encontram junto do chanceler estão, a todo o momento, informados minuciosamente sobre o que se passa no interior do país e no estrangeiro. Há, além disso, linhas directas que estabelecem uma comunicação constante entre o grande quartel general do Führer e os diversos comandos de armas ou de serviços: comando geral da aviação, comandos dos corpos de exército em operações, etc. O quartel general é informado sucessivamente do que se passa em cada ponto da frente que particularmente interessa.

COMO SÃO SEGUIDAS AS OPERAÇÕES

Os relatórios fornecidos pelos diversos organismos, a fim de serem estudados e conjugados, são redigidos em termos simples e breves. Os ajudantes dos vários chefes militares anotam nos mapas das operações as conclusões a que esses relatórios conduzem. A rapidez com que tudo isto se faz dá um resultado apreciável: a marcha das operações é seguida, minuto a minuto, no quartel general do Führer, e as batalhas são acompanhadas de perto, de forma a que a intervenção do comando supremo se possa fazer sentir sempre que os planos previstos não estejam a ser executados com a regularidade necessária.

No quartel general do Führer há uma tenda do cinema, cujas exhibições servem para esclarecer, pela imagem, certos pontos que porventura se tenham revelado duvidosos e que, ao mesmo tempo, contribue para amenizar a monotonia e o enervamento que a luta produz. O ministério da propaganda encarrega-se de fazer projectar os filmes onde se desenrolam os episódios capitais das batalhas terrestres, marítimas e aéreas.

É do quartel general do Führer que são igualmente dirigidos os assuntos que se prendem com a continuação da guerra ou com a preparação da paz.

Os ministros das diversas pastas, os chefes de serviço categorizados e o ministro dos Negócios Estrangeiros estão em contacto permanente com o chanceler. Ribbentrop visita, com frequência, o combóio especial em que está instalado o Führer e chega mesmo a passar alguns dias no acampamento que se organiza à volta dêle. Desses encontros, bem como da visita de eminentes personalidades estrangeiras, são geralmente fornecidos comunicados oficiais.

A VIDA NO QUARTEL GENERAL

Como passa o Führer os seus dias no seu quartel general volante? As pessoas que o visitam afirmam que ele veste o uniforme de cabo, pósto que

(Continua na pág. 12)



a voz de Londres FALA E O MUNDO ACREDITA

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Horas	Noticiário	Estações	Ondas curtas
12,15	Noticiário	G R Z	13,86 m. (21,64 mc/s)
		G S O	19,76 m. (15,18 mc/s)
12,30	Actualidades	G R V	24,92 m. (12,04 mc/s)
21,00 (*)	Noticiário	G S C	31,32 m. (9,58 mc/s)
		G S B	31,55 m. (9,51 mc/s)
21,15	Actualidades	G R T	41,96 m. (7,15 mc/s)

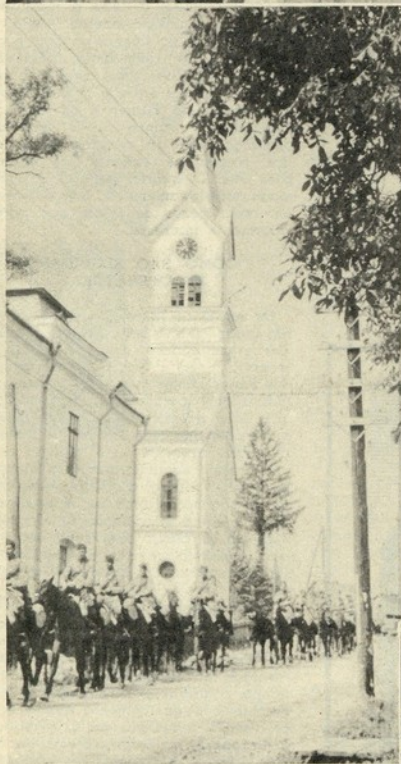
(*) Este noticiário ouve-se também em 24,92 metros (12,04 mc/s) em G. R. V..

Cria o hábito de ler «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. B. C.

À venda na Livraria Bertrand, Rua Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1\$20.



tropas **ITALI ANAS** *na* **Ucrania**



DAMOS NESTA PÁGINA alguns aspectos da ocupação de regiões da Ucrânia ocidental pelas tropas italianas. Têm estas fotografias o mérito de nos apresentar, por momentos, a guerra sob outro aspecto, mais humano, mais belo talvez. Vem essa beleza dos sorrisos das mulheres que confraternizam com os soldados, dos panoramas, da quietude das coisas, da singeleza da arquitectura e até — como se vê à direita — da camuflagem verdejante e viçosa que encobre as inúmeras máquinas de guerra a caminho da frente de batalha.



O SR. MINISTRO DO INTERIOR com as autoridades portuenses e outras individualidades do norte do País durante a visita que ali fêz por motivo das eleições.



O ACTO ELEITORAL que, no domingo, se electuou na maior parte dos concelhos de Portugal, constituiu uma grande afirmação de unidade nacional.
O CHEFE DO ESTADO votou em Cascais. As fotos que publicamos em cima, mostram-no à saída da secção eleitoral e no momento em que entregou o voto.



A COLÓNIA ESPANHOLA DO PÓRTO reuniu-se há dias num banquete de confraternização para comemorar a data do aniversário da Festa Nacional da Raça.



O SR. DR. MARIO DE FIGUEIREDO, ministro da Educação Nacional, votando.



O PROF. DR. PIERRE FOURCAD, director da Escola Francesa da Universidade do Pôrto, foi homenageado na residência do sr. cônsul da França. A foto que publicamos mostra-nos as altas personalidades que assistiram à cerimónia.

UM DILEMA IMPERATIVO

por Francisco Velloso

(Continuação da pág. 8)

geiros, o almirante Stirling examinava com nitidez a situação nestas palavras: «Nós já estamos em guerra. Acendamos ao presidente a luz verde para que ele possa avançar». Roosevelt dias antes não dizia menos: «Não esperaremos pelo ataque do Eixo para darmos ordens de entrar em acção». O incêndio em S. Francisco de depósitos de cereais destinados à Inglaterra e a explosão da base aeronaval no Alasca (favorável ao Japão), o torpedeamento do contra-torpedeiro «Kearney» por um submarino alemão, são sinais que não falham, de que o inimigo actua dentro das muralhas... Roosevelt responderá agora como Wilson?

A INTERROGAÇÃO DO MOMENTO



AUCHINLEK

Os acontecimentos restantes circunvolvem estes como satélites. Assim a nova arremetida da imprensa japonesa contra a Inglaterra e os Estados Unidos, cuja intenção aparecia nas simultâneas diligências diplomáticas do príncipe de Konoye junto de Roosevelt para que as negociações anteriores fossem reatadas e se chegasse a acôrdo. Mas pouco durou o equilíbrio instável entre as facções belicosas e a grande indústria que se vê atingida por falta de matérias primas e em cujos meios causaram impressão os recentes desastres do exército expedicionário na China e certas ameaças desafiantes de chefes navais norte-americanos depois da conferência com o chefe inglês

de Singapura, general Popham. Konoye pediu a 17 a demissão e cedeu o seu lugar ao almirante Tojo. Anuncia-se uma ascensão do partido militar. Mas a grande indústria querera ainda entrar na aventura de uma guerra na Sibéria, na China, em Singapura e na Malásia?...

Outro índice foi o retôrno das exigências alemãs à Turquia, de novos pedidos de crómio que Sara Jöglu recusou.

Outro ainda, a intimação russo-inglesa ao governo do Afeganistão para que expulsa do território alemães e italianos.

E mais outro o alastramento das agitações revolucionárias, sobretudo na Checoslováquia e na Noruega, onde não pararam ainda os contra-productores fusilamentos em massa; e os apertados racionamentos na alimentação dos povos ocupados, e na de outros que o não são como a Itália.

...E volta teimosamente a pergunta: — Para onde vamos? Lê-se num interessantíssimo artigo biográfico do general Auchinleck, publicado num dos últimos números da *Vida Mundial*, que: há bastantes meses perguntada ao general a sua opinião sobre a decisão da guerra, ele respondeu: «Temos de levar a guerra ao sítio onde está o nosso inimigo, à Alemanha. O nosso campo de batalha está na sua própria retaguarda. Assim foi vencido Napoleão». E acrescentou estas palavras que parecem escritas para agora: «Se a Alemanha controlar a Europa olhará em redor e fará uma oferta de paz. Esperem e verão. Será esse o momento decisivo».

A *Nova Ordem* na bandeja dum paz continental — ou a ofensiva aliada.

ESCUTAI ROMA!

(Centro Rádio Imperial da «EIAR»)

NOVO HORARIO

NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Postos	Ondas		Horas de Portugal
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	7,50
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	»
2 RO 17	m. 15.31	(kcs 19590)	11,00
2 RO 17	m. 15.31	(kcs 19590)	15,30
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	22,10
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	»
2 RO 15	m. 25.51	(kcs 11760)	»
2 RO 3	m. 31.15	(kcs 9630)	»
2 RO 11	m. 41.55	(kcs 7220)	»
Ondas médias	m. 221.1	(kcs 1357)	»
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	»
2 RO 15	m. 25.51	(kcs 11760)	»
2 RO 3	m. 31.15	(kcs 9630)	»
2 RO 11	m. 41.55	(kcs 7220)	»
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	»
2 RO 18	m. 30.74	(kcs 9760)	23,00
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	»
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	»

COMUNICADOS DO QUARTEL GENERAL ITALIANO EM LINGUA PORTUGUESA

2 RO 17 m. 15.31 (kcs 19590) das 11,15 até 11,25

NOTA: Aos domingos, às 20,20 horas, e às quintas-feiras, às 20,10 horas, serão radiodifundidas palestras em lingua portuguesa.

Em M. 25.70 (KCS. 11695) e 30.52 (KCS 9830)

INSTITUTO DR. INDIVERI COLUCCI

Tratamento das doenças simplesmente pelos Meios Naturais, ou seja com absoluta exclusão de quaisquer medicamentos.

Há mais de vinte anos que o sr. dr. Indiveri Colucci exerce em Portugal a sua actividade, tendo salvo da morte, durante este largo período de trabalho honesto, muitas centenas de infelizes já desenganados pela medicina alopática.

Primitivamente em Lisboa, na Travessa Cidadão Gonçalves, e depois em Paço de Arcos, na Rua Lino da Assunção, onde actualmente tem o seu consultório, aquele notável especialista tem pôsto ao serviço da Humanidade doente todo o seu saber, toda a sua vontade, todo o seu coração, sendo, hoje, geral o côro de louvores a este benemérito que tanto bem tem espalhado à sua volta.

E de acentuar que no Instituto de Paço de Arcos não se usam outros processos de tratamento que não sejam os naturais, não se receitando o mais insignificante produto químico-farmacêutico. E por este sistema ali se têm tratado e curado as mais variadas doenças, entre as quais as chamadas «das senhoras», as de pele, as nervosas, o reumatismo e as outras formas de artrismo, a diabetes, a Sífilis, etc. No tratamento das doenças artríticas e nas diversas manifestações sífilíticas, a acção do método Colucci é dumha eficácia verdadeiramente admirável e segura, bem como nos males do estômago e do fígado.

O Instituto Dr. Indiveri Colucci está instalado num local esplêndido, perto da estação do caminho de ferro, em frente ao mar, e o seu apetrechamento encerra tudo quanto existe de mais moderno, não havendo em toda a península estabelecimento que se lhe iguale.

Quem quiser avaliar dos brilhantíssimos resultados desta terapêutica, que exclue por completo todo e qualquer produto químico-farmacêutico, leia «A Natureza ao Serviço da Saúde», à venda nas livrarias e na depositária — Livraria Bertrand, Rua Garrett, 73, Lisboa — livro sensacional de que é autor o jornalista A. Napoleão Gonçalves, e no qual se acumulam as provas documentadas e irrefutáveis de que aquelas e outras doenças se tratam e curam radicalmente empregando unicamente a *Magneto-Trofo-Fisioterapia*, sistema exclusivo do Instituto Dr. Indiveri Colucci, de Paço de Arcos.

A vida no Quartel General do Führer

(Continuação da pág. 9)

ocupava na hierarquia militar quando da última conflagração, que não deixou desde o início do actual conflito. Em geral ostenta duas condecorações: a cruz de guerra de 2.ª classe, ganha na guerra de 1914-18, e a Águia de ouro. Na cabeça traz o boné que as fotografias popularizaram, não o trocando, em circunstância nenhuma, pelo capacete de aço.

Hitler levanta-se, de manhã, muito cedo. Troca as primeiras palavras com os seus guardas de corpo e toma um pequeno almôço. O passeio matinal em volta do combóio ou penetrando pelos campos que acabaram de ser teatro de operações, está no seu regime diário de trabalho. Quando regressa ao quartel general, estuda, com os generais, a situação militar. A manhã é ocupada em conferências com os chefes do exército, da armada e da aviação. Depois do almôço, passa uma ou duas horas encerrado no seu vagão.

O segundo período de trabalho do Führer, período que ocupa toda a tarde, inicia-se por um ditado demorado feito ao seu estenógrafo de confiança. Depois de jantar, escuta a rádio ou música de discos e vê os últimos filmes enviados de Berlim. Hitler não recebe ninguém a título privado.

Da vida que leva no acampamento que constitui o seu quartel general contam-se alguns episódios curiosos. Hitler gosta de conversar demoradamente com os officiais condecorados por feitos em campanha com o grau de Cavaleiros da Cruz de Ferro. Diz-se que, para dar uma nota da satisfação que sente com esses diálogos, permite que enquanto eles duram todos os presentes possam fumar.

Quando tem que se deslocar utiliza invariavelmente o avião. A sua disposição encontram-se, permanentemente,

um imenso «Fokker Wulf» e um pequeno «Junkers 52» do modelo que é usado, em combate, pelas forças aéreas do Reich.

No «hangar» do quartel general há ainda um outro aparelho preparado para aterrar em qualquer terreno. Além dos aviões, o Führer tem à sua disposição um automóvel poderoso e um carro pequeno de que se serve quando quer visitar a frente.

O Führer come a alimentação preparada para os soldados, querendo assim traduzir, por um acto simbólico, o princípio de paternidade que as exigências da luta tornam real e efectivo. Os que o visitam afirmam que o seu aspecto se não tem alterado de maneira sensível. Que, pelo menos, se não tem alterado tanto quanto seria licito esperar das provas excepcionais a que se tem submetido. «No seu rosto, diz uma dessas testemunhas, mantém-se uma palidez característica, e as rugas são talvez um pouco mais profundas. Mas a saúde do chefe da Alemanha mantém-se excelente e a elasticidade dos seus passos, quando anda, revela a existência dum vigor físico permanente. Ao dobrar os cinquenta anos, os cabelos das tempóras começam a tornar-se grisalhos». Tal é o retrato físico do Führer que pintam os raros que tiveram ocasião de o visitar no quartel general.

Vida Mundial

CONDICÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11\$00; 6 meses (24 números) — 22\$00; 12 meses (48 números) — 43\$00. África: 12 meses (48 números) — 60\$00.

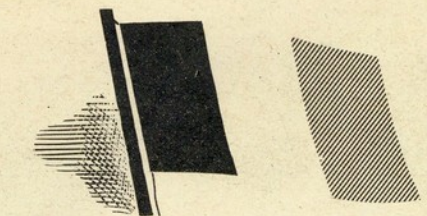
COMPOSTO EM IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.ª Trav. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

Visado pela Comissão de Censura



Figuras da Vida **MUNDIAL**

Vida
MUNDIAL
Ilustrada



O GENERAL CHARLES DE GAULLE, que impulsionou o movimento da França Livre, é agora o presidente dum Conselho Executivo, com sede em Londres, que tem por missão promover as actividades da guerra ao lado da Inglaterra, até obter a independência política e militar da França. (Caricatura de Costa Pinto)

Vida Militar



O CHEFE DO ESTADO presidiu à sessão solene inaugural do novo ano lectivo na Escola do Exército, cerimónia de grande brilhantismo que marca todos os anos como acontecimento de relêvo na vida militar. A foto, à esquerda, mostra-nos o sr. General Carmona entregando um diploma honorífico a um dos alunos laureados da Escola.



O SR. ALFERES CRISTOVÃO DE SOUSA LIMA lendo a oração de «sapiencia» na abertura das aulas do Colégio Militar, sobre o tema «Necessidades da cultura histórico-literária na formação do oficial do nosso Exército».



O SR. MAJOR NUNES DA SILVA falando, na sessão solene da Escola do Exército, presidida pelo Chefe do Estado, de «Armas portáteis, metralhadoras. Engenheiros de acampamento» — tema da sua «oração de sapiencia».

Abertura do ano lectivo e a partida de mais tropas para os Açores



A FORMATURA DO DESTACAMENTO que, na semana passada, partiu para os Açores, a bordo do «Serpa Pinto».



OS ALUNOS DO COLÉGIO MILITAR formados na parada daquela estabelecimento de ensino, durante a tradicional festa ali efectuada para reabertura das aulas do novo ano lectivo.



UM GRUPO ALEGRE DE ALUNOS DO INSTITUTO PROFISIONAL DOS PUPILLOS DO EXERCITO no dia da abertura das aulas. Assistiram ao acto inaugural o director, sr. coronel Tamagnini Barbosa, o subdirector sr. coronel Henrique dos Santos Nogueira e antigos e novos professores que fizeram preleções aos alunos.



DOIS ASPECTOS DA PARTIDA das tropas expedicionárias para os Açores, a bordo de «Serpa Pinto». Junto dos soldados, vê-se um lobo da Alsácia, que é «mascote» do destacamento. A formatura fêz-se no Terreiro do Paço.



TRECHO DA EXPOSIÇÃO DE CACTOS e outras plantas no Teatro Nacional. (Fotos feitas com películas «Ferrânia»)

O QUE É A «HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL»

(Continuação da 2.ª página)

do que as realizações militares. As iniciativas da Alemanha, a resistência da Inglaterra, a derrota da França, a atitude da Itália, a intervenção da Rússia, as hesitações do Japão, os preparativos dos Estados Unidos, assinalam as etapas dominante na actividade das grandes potências. Essa actividade é reclamada por uma poderosa máquina de propaganda que, em muitos casos, desfigura o carácter verdadeiro e adultera as verdadeiras tendências dos povos que a alimentam. Nunca, como no actual conflito, a propaganda, exagerada ou tendenciosa, contribuiu para perturbar a visão exacta das causas e a perspectiva clara das consequências. O público começou por se alarmar e acabou por se desinteressar. Não é exagerado dizer que ela se desacreditou irremediavelmente. Os estragos que produziu constituem uma fôlha valiosa no passivo do nosso tempo.

E explicou:

— Descontada a influência dos agentes e dos instrumentos de propaganda ao serviço das conveniências ou dos interesses dos beligerantes, fica ainda uma longa margem para os factos autênticos e averiguados, os únicos que verdadeiramente interessam. Essa margem basta para definir o carácter do conflito e assinalar a sua marcha. O único interesse do meu trabalho está em encontrar o fio condutor que, no meio de tantas e tão grandes contradições, explique o que se passou, justifique o que se passa e, sem cair na tentação das profecias vãs, estabeleça o quadro e defina o clima em que hão-de localizar-se os acontecimentos que se aviznam. Entre os aspectos superficiais e as razões profundas, entre o relato telegráfico e a divagação filosófica, há a análise serena e a explicação objectiva que precisam alimentar-se de verdade e impregnar-se de bom senso. É inútil acrescentar que para elas não contam

os sectarismos deformantes nem as ilusões enganadoras.

— Como organizou e escreveu obra de tal envergadura?

— Para organizar o meu trabalho reünii a maior soma possível de elementos. Não é tarefa amena depurá-los, seleccioná-los e ordená-los. As paixões enchem o ar que respiramos, os interesses denunciam-se nas palavras que solemos, as ambições e os despeitos estalam o verniz dos protagonistas ou enegrecem a paisagem dos comparsas. Por detrás do fresco alucinante das armas que se chocam, dos países que se devoram, dos heróis que se sacrificam, dos mistérios que se resignam e dos chefes que se apontam, está a lição duma catástrofe que se não pode prolongar e que se não deve repetir sem que a causa da nossa civilização corra o risco de se perder irremediavelmente.

Uma última pergunta, ao despedirmo-nos de Carlos Ferrão:

— Qual é, na sua opinião, a directriz desta guerra?

— O sentido do conflito que pouco descrever parece-me ter sido dado, com propriedade, numa síntese do canadiano Deloz:

«Esta guerra é um fenómeno de segundo plano. Não quero com isto dizer que seja um fenómeno secundário. Considero-a, mesmo, decisiva para o futuro da civilização. Tem os seus objectivos e os seus meios específicos. Mas ocorreu no meio duma revolução em marcha que põe em causa os fundamentos económicos e sociais, culturais e religiosos, da comunidade internacional. Quem não encarar as coisas assim, arrisca-se a não compreender o que se está passando.»

Foi à luz dessa realidade, que domina tôdas as outras, que preparei o trabalho cuja publicação a «Vida Mundial Ilustrada» vai iniciar.

* * *

...Eis o prefácio da «História da Nova Guerra Mundial».

Ler no próximo número:

1.º ARTIGO

ASSIM ESTALOU A GUERRA



ASSISTÊNCIA A «HORA DE ARTE» promovida pela E. N. na Fábrica de S.ª Clara.

TOBRUK

*presença da Inglaterra
na África
exemplo de
tenacidade*



UM SOLDADO AUSTRALIANO DAS FORÇAS IMPERIAIS guarda uma das antigas portas de Tobruk. Ao fundo, vêem-se ruínas da cidade sitiada há meio ano.

Um cavalo, um homem, e uma mulher...

por Luis Palmeirim

BUENOS Aires, Paris da América do Sul, também tem o seu Longchamps, o seu prado de corridas de cavalos, esse pequenino mundo de elegâncias e de vaidades matizado com alegres flores, que saltam dos relvados, e de mulheres bonitas, que saltam dos automóveis. São tudo flores: umas, pintadas com as cores que a natureza lhes deu; outras, ajudadas pelo calor forte de esta tarde de verão, além do recurso, desnecessário aliás, aos fabricantes de pinturas da cor mais em moda... É tudo cor! E mesmo esse ar quente que o sol empresta em demasia, está bem com o calor que anda nesses corações pequeninos e que palpita desde a entrada nesse Longchamps de Palermo, em Buenos Aires, Paris da América do Sul...

O rosedal magnífico, maravilhosamente encantador pela sua população de crianças que se divertem olhados pelas suas «nurses», tem qualquer coisa de um tapete de Gobelín, de uma tela de Watteau. Correm pelas largas alamedas, saltam e brincam na idade mais feliz da vida. É aí, nesse Parque de Palermo onde as crianças pobres se enorganhavam de entrar, que está a primeira nota de emoção neste dia de domingo em que resolvi — sem maior vontade confesso! — ir assistir a uma corrida de cavalos, espectáculo de magnífica beleza mas que me não interessava malormente, porque, dêle ouvia falar apenas pelo que tinha de interesseiro; efectivamente não ouvia mais que discutir o valor de tal cavalo ou da água tal e esse ferver de apostas, esse mercantilismo do espectáculo, fazia-me fugir o interesse que eu imaginava êle pudesse ter em simples beleza estética. Compreendia as corridas de cavalos com o primor das antigas correrias no Circo de Roma, e poderia mesmo aceitá-las como um espectáculo de moderna elegância se não fôsse o interesse e toda aquela gente que me falava em apostas, no quanto tinha dado um «placé» no «Alcazar II», no «tongo» do jockey Hernandez que, proposadamente tinha feito com que o favorito perdesse o «Grande Prémio».

Em Buenos Aires há tanta gente que se arruína com as corridas de cavalos, como a que enlouquece por lá não poder ir. Tudo isto relativamente, claro está... Mas é o grande espectáculo, o espectáculo de toda a gente e para toda a gente — os que lá não vão, jogam nos «backmeats» — que, como eu, me divertia ouvindo discutir a ligeireza de um cavalo com tanto entusiasmo, ou mais, com que se defenderiam os ligeirezas de uma mulher de quem se gostasse muito. É o caso do dia, dos dias antes e dos dias depois da corrida; é, pois, o caso de todos os dias.

Alguém me dizia com ar de lástima: «Parece mentira que podendo você ir a Palermo, se deixe ficar em Buenos Aires!... Buenos Aires é a cidade mais insípida do mundo numa tarde como a

de hoje em que toda a gente vai a Palermo! Venha de aí comigo e não deixe de jogar! Verá que sensação! Venha! Sózinha, não vou!» Por isso, talvez só por isso, eu fui.

Não me enganavam os que me descreviam tal beleza. As longas avenidas, o correr dos automóveis em filas paralelas numa pressa de chegar quanto antes, os rostos afogeados de tantas centenas de pessoas, contagiavam o mais céptico ou o mais desinteressado. E se os automóveis queimavam sem pena a gasolina, era curioso olhar para os carros eléctricos apinhados e para a multidão que, atadidamente, seguia a pé, o caminho de esse bocadinho do bom

jockey que os vão montar. Olho para tudo aquilo com um ar que bem podia ser o de um provinciano. Tudo é novo, estranho, e sinto o medo do ridículo. Aquele chapéu alto, cinzento, cobrindo a cabeça de um senhor que usa fraque cor de cinza, monóculo e binóculo a tiracolo e polainas brancas, leva-me a Empson... onde nunca fui. Mas, por outro lado, a garridice de uma rapariga muito ligeiras na maneira de vestir e muito alegres nas suas gargalhadas, fumando uma cigarrilha de ponta tão vermelha como a cor dos lábios, põe-me, de novo, em Longchamps, ao lado dessas pequenas belgas e holandesas que, em maior número que as francesas, fi-

gma, pedi eu: «2 e 3». Deram-me uns bilhetes de duas cores diferentes e fiquei sabendo que jogava no cavalo «Botafoguito», um alazão pequenino e nervoso, sem vitórias. O jockey era um aprendiz miúdo e no tamanho, no cor do traje e da górra, era um pingo de lacre escarlata.

Tive a certeza de que perdia: o n.º 6 tinha «pouco dinheiro em cima», expressão típica da pouca fé que inspirava.

Começou a galopada. Ao meu lado, uma rapariga gritava aos meus ouvidos: «Botafoguito! Botafoguito!» Mas o pobre cavalo mal se via, no meio de tantos mais, fortes e dispostos a ganhar. Eu só via aquele pingo de lacre no meio da poeirada que as patas dos cavalos iam levantando no meio da corrida louca! De repente, ao fim da primeira volta, vi o animalzito que avançava, rápido, esqueirando-se, a parecer-me mais comprido, os olhos fitos, as orelhas aprumadas, as ilhargas a tremer, as narinas dilatadas, a espumar pela boca e pelo corpo e depois... depois... entrar em vencedor!

Minutos depois, essa rapariga bonita que me tinha acompanhado até Palermo, vi-a eu abraçada ao pescoço do cavalo — e nunca mais a vi! E — confesso! — arrependo-me de lá ter ido; ganhei, é verdade, mas senti que tinha sido vencido por um cavalo qualquer em que quasi ninguém confiava...

E eu — que vaidade a minha! — que tanto confiava em mim!

Na noite de esse dia, terminava no Casino o campeonato de luta greco-romana. O Casino não é nem o melhor, nem o maior, nem o mais elegante teatro de Buenos Aires. Mas é a casa de espectáculos destinada ao público especial das «variedades» e dos campeonatos mais ou menos organizados ou contratados por Constatant-le-Marin.

Calor horrível. As águas doces dos rios que fazem seu estuário em Buenos Aires, dão, nestes dias de verão, uma atmosfera pesada de humidade, que molha as ruas e amolece as roupas. Dentro da sala, um calor escaldante e uma frequência especial de gente que teria tomado banho de manhã cedo, suado todo o dia, vindo secar para o teatro. Para mais, o espectáculo, por determinada circunstância, reunia um publico muito especial: a grande atracção do cartaz estava em uma luta mirabolantemente interessante ao parecer e por isso fizera com que a sala do teatro abarrotasse e só o espirito de apaixonada curiosidade de um amigo meu, me convenceu a passar uns quartos de hora naquele ambiente tão escaldado pelo calor como pelo entusiasmo das gentes: nada menos que um «match-desforra» entre o campeão espanhol Ochóa e um japonês, mestre na arte do «jiu-jitsu» e dêste confesso, não me recordo o nome. Concorrência, calor e ânsia de toda aquela gente. Ferviam apostas mais feitas de outra maneira que, de tarde, no Longchamps platino. Eram, aqui, feitas de boca entre pessoas e grupos conheci-



Vi-a eu abraçada ao pescoço do cavalo...

Paris de outros tempos, o das elegâncias e da frivolidade, capital onde se lançavam as modas e se discutia política e onde se apresentavam as mais lindas e luxuosas «cocottes» vindas de toda a parte, nesse Longchamps que eu vi, eu uma manhã de inverno de esse mesmo ano de 1925, passeando, por entre árvores nuas de folhas e de troncos escuros, um cavaleiro e uma amazona esquecidos do mundo...

Palermo, o prado de corridas, tem o ar festivo dos grandes dias.

Tumultua a gente. Olham-se grandes quadros negros, onde em letras brancas se lêem números e nomes estranhos: os dos animais que vão correr e dos

guravam no «carnet» galante dos bons conhecedores.

Vai correr-se o 6.º pareo ou seja a sexta carreira. Até lá, desde a segunda, não me resolvera a fazer a minha aposta: não sabia como. A minha deliciosa e fútil companheira tinha-se perdido de mim e, resolvido já a não voltar a Buenos Aires sem deixar de jogar para sentir a «tal» emoção, decidi seguir a primeira pessoa que se dirigisse a uma bilheteria. Reparei num senhor que, de «carnet» em punho olhava para a pedra preta, tomava apontamentos e, com o calma de bom entendedor, tomou a direcção do «guichet» n.º 6. E pediu: «2 e 3». A seguir, com a mesma fleu-

dos, como eu tinha visto no frontão «Ez-caulduna» em San Sebastian pela primeira vez jogar a pelota vasca, jôgo de destreza, energia, cálculo e golpe de vista: «Três contra um a Ochôa!», «Oito a sete pelo japonês», «Cinco a dois por el Gallego!» e o gritario tinha qualquer coisa de impressionante.

Terminava quasi a primeira parte do espectáculo quando lá cheguei: duas bailarinas magrinhas — não precisamente as irmãs Dolly! — estilizadas e delicadas, interpretavam uma dança mais ou menos exótica. Não tinham maior graça nem finura nos requebros e Maria Olenewa — a minha querida amiga e discípula de Isadora Duncan e da infeliz Ana Pawlova — não se orgulharia em ter-lhes ensinado. Mas eram novas, bonitas, esperavam qualquer coisa da vida e... eram mulheres!

Passado o intervalo foram aparecendo no estrado os lutadores. Massas de carne bem musculadas, cabeças rapadas, tipos de elefantes brancos sem tromba e sem dentes, barrigas flácidas, êsses homens abraçavam e retorciam-se de pé e no chão. Torturavam-se, levantavam-se em força caíndo com estrépio, bufavam como feras, olhavam-se com uma raiva aparente êsses dois hércules ciclôpicos, de nervaturas que, retezadas, faziam saltar os músculos dos braços, das pernas e do pescoço.

Num camarote, à boca de cega, estava uma mulher de olhos negros, pisados: o leque com que se abanava parecia mais querer ajuizar os nervos de tão gentil dona que afastar o calor. Ao peito, sobre um vestido de rendas pretas, a lágrima de sangue de um cravo enorme, farfalhado, invejoso de estar ali, ao colo de tão linda mulher, que, pelo tipo não enganava: uma espanhola e, para mais, da Andaluzia — de Malaga; de Cordova, de Sevilha, não sei! — mas espanhola com certeza.

Chegou o momento: entram em cena o japonês e logo o espanhol. Vestem ambos uns «kimonos» brancos com bandas de côr. Olham-se. Medem-se e um instante depois, vejo o ibero atirar-se num rompante de fera ao filho do país do Sol Nascente, pegar naquela massa bruta de carne, voltar-lhe as pernas para cima e deixá-la cair, com estrondo, sobre as táboas acolchoadas, a prumo, de cabeça para baixo. O corpo não se moveu mais. A multidão delirou, como nos circos romanos, diante da brutalidade da proeza!... E, quando Ochôa veio agradecer, suado, orgulhoso, magnífico, o peito cabeludo a arfar e olhou para aquela camarote onde estava tão formosa dama, as mãos apertadas num agradecimento que representava o orgulho da sua raça, mãos incapazes de fazer uma carícia ou de fazer estremecer o corpo de uma mulher, o cravo vermelho veio cair-lhe sobre as carnes pegajosas, do lado esquerdo do peito...

O lutador levou a flor à boca e quando voltei a olhar para o camarote, já não vi ninguém. Que maior força teria êsse homem: dominando aquela montanha de carne ou um pequeno coração de mulher?

Em todo o caso era o «homem», o homem que fêz inveja a muita gente, como a mim tinha feito aquele cavalo magrinho — o «Botafoguito» — abraçado no pescoço por uma garota fútil que me tinha acompanhado à corridas e que eu perdera entre aquela multidão febril, entusiasmado...

E nessa mesma noite, com Júlio Escobar, redactor da «Ultima Hora», e mais um grupo de gente amiga, fomos ver e ouvir cantar e dançar o «tango argentino». Despedimos o «taxi» em um recanto de uma rua escura do «bairro de la Boca» à beira do rio Tigre. Mal se conheciam as massas negras dos navios cargueiros vindos de não sei onde e tripulados por gente de toda a parte, nessa miscelânea de arrolamento de pessoal de bordo. Chineses, turcos, alemães, inglês, italianos, brasileiros, gente na sua maioria sem nome, a grande legião dos fugidos das suas terras, andando à sorte sem outro destino que aquele onde haja um pedaço de pão para comer.

Entrámos em uma casa de aspecto sórdido, abarracada, de pouca luz e cuja frequência nessa já quasi madrugada de domingo para segunda-feira, não era para muito sossego.

Sentámo-nos a uma mesa de madeira, avinhadas as táboas e desconjuntados os bancos. No teto uma lâmpada de luz tão triste e tão mortíca como o resto de tudo aquilo...

Veio até nós uma rapariga de cabelos arruivados, sardenta, os olhos moidos de cansaço ou de vinho... Trazia nas mãos dois pratos de fôlha que quasi atirou sobre a mesa: eram caracóis guizados, tresandando a molho picante. E a pergunta consabida:

— «Vino?»

— «No. Traínos cerveza de Quilmes». Olhei aquelas paredes sujas, «mugrientas», com bambolinas de teias de aranha nas traves escurcidas pela fumaça dos cachimbos, dos cigarros ordinários e do azeite de fritar peixe; aqueles homens tatuados, talvez sem pátria, e êsse ambiente bem mais pesado que o dos tabernas do pórtio de Marselha; aquela mulher que era uma vergonha de mulher, aproximou-se de Quilmes, dos seus pinheirais, dos enormes eucaliptos, da piscina e dos banhos do sol onde eu vira, meses antes, um grupo de raparigas lindas que nos tinham feito companhia quando ali fui com os rapazes do «foot-ball» do Brasil, que a Buenos Aires tinha ido disputar a «Taça Presidente Roca». Que linda tarde de sol, que perfumado todo aquele ambiente 'onde as raparigas eram as flores mais bonitas de todos aqueles jardins tão cuidados da vilazinha de Quilmes... Que contraste, Santo Deus!

Sobre um tablado, entre dois tipos de aspecto «malevo» que tocavam e batiam no tempo das violas, um rapazote de figura delgada e de meleno preto caída para a testa zig-zagueava as prégas de um «acordeão». A rapariga sardenta e feia — teria sido bela um dia! — que nos tinha servido, estava lá ao fundo, encostada ao balcão enegrecido, com ar de sono ou de fome.

Dançaram o tango sem estilismo e ouvi letras inconcebíveis, inacreditáveis. Todos riam e aplaudiam. Lá fora, as águas escuras do rio, quasi paradas, batidas por um luar triste, pareciam-me um mar de graxa preta derretida, uma grande mancha onde se juntavam mil misérias.

A rapariga chegou-se à nossa mesa e perguntou:

— «Que más?»

Os meus companheiros não responderam, habituados por certo a levar ali os seus amigos estrangeiros e à mesma repetida pergunta: «Que más?»

E como ninguém fizesse caso da pobre creatura, farrapo atirado para ali, disse:

— «Quê? te gusta esto?»

Não tive coragem para lhe dizer que não, mas certamente o pobre diabo me compreendeu. E, puxando um banco, sentou-se ao pé de mim... E conversámos...

— Sou grega. Um dia passou pelo pórtio um barco italiano. Eu tinha quinze anos e era bonita. Foi isto há sete anos. Apaixonei-me e perdi-me. Vim para Buenos Aires. Só sabia que êle se chamava Juan Martin e que era argentino. Procurei-o por toda a parte. Perdi o resto que podia perder e nunca mais o vi. Era de bordo. Vim parar a «los barrios bajos», ao bairro dos marinheiros, e cada barco que chega, é uma esperança que tenho. Chegam barcos todos os dias e só o dêle não vem. Que hei-de fazer? Esperar, continuar a esperar...

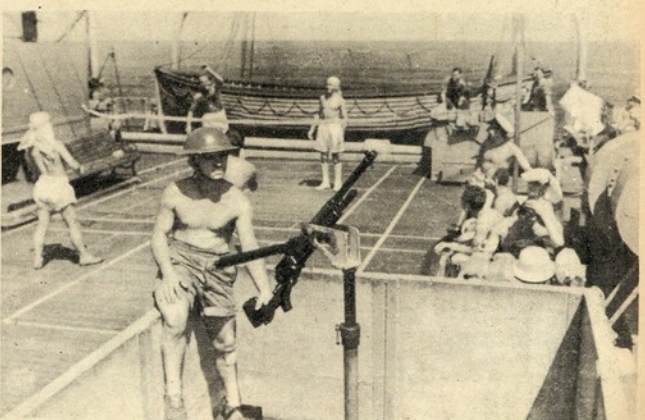
Aquela luz amarelecida, a cara da rapariga pareceu-me mais horrível ainda. Mas quando a olhei bem e vi que chorava, compreendi que dentro daquele farrapo, havia um coração que sentia mais que o da minha linda companheira daquela tarde abraçando um cavalo e o da espanhola que beijara com um cravo vermelho o peito de um lutador forte. Que linda aquela mulher tão feia!



NÃO SE PASSA UM DIA sem que naveguem nas ondas do mar grandes barcos transportando soldados ingleses. Alguns dêstes barcos eram, antes da guerra, luxuosos paquetes de passageiros. A fotografia mostra-nos, num dêsses barcos, um grupo de soldados satisfeitos com a perspectiva de uma jornada por mar.



A BORDO DE UM ANTIGO PAQUETE de luxo, soldados ingleses banham-se na piscina por onde, outrora, passaram as mais lindas mulheres do mundo...



SOLDADOS INGLESES, num antigo paquete de luxo, jogam o «deck tennis» enquanto um dos seus camaradas faz sentinela junto à metralhadora anti-aérea.

(Fotos «Britanova»)



Winston Churchill
comodoro
da RAF
visita os *aviadores*

O PRIMEIRO MINISTRO INGLÊS que é, desde Abril de 1939, comodoro honorário de 615.º esquadrão da aviação, visitou o «seu regimento», acompanhado de sua esposa.